

EDITORIAL

Nesta edição da Revista *Estudos Nietzsche*, temas clássicos dos estudos nietzschianos encontram-se com novas abordagens do pensamento do filósofo. O resultado, como facilmente se verificará pela leitura dos textos, é um panorama interpretativo denso e qualificado, que traz variadas contribuições para os estudos da obra de Nietzsche.

No primeiro artigo deste número, o prof. Rogério Miranda de Almeida enfrenta a questão da existência de uma moral hedonista em Nietzsche a partir de um olhar sobre os impasses do princípio de prazer nas obras do primeiro período de sua produção filosófica. A originalidade do texto não está apenas no fato de situar cronologicamente o paradoxo prazer-desprazer nos textos de juventude, mas em tematizar o problema do prazer e do gozo nos escritos trágicos no âmbito da ambivalência do deleite em meio ao padecimento trágico.

A pergunta sobre o significado nietzschiano de *criação* é o tema do segundo artigo desta edição da *Estudos Nietzsche*. A partir mesmo do título de seu artigo, o prof. José Antônio Feitosa Apolinário esboça a ideia de que, em Nietzsche, a práxis é uma *poiesis*, o que leva o autor a analisar o tema a partir de uma articulação dos âmbitos cosmológico, estético, artístico e ético na atmosfera filosófica proposta por Nietzsche.

Malgrado uma “escassa ocorrência nominal” do problema, o prof. Olímpio José Pimenta Neto propõe, no terceiro artigo, uma “reflexão sobre tolerância e subjetivação à luz de Nietzsche”. Se a empreitada parece arriscada de início, a argumentação nos leva aos terrenos culturais propícios para “a eclosão de homens e comunidades inclinados, tanto à tolerância quanto a seu negativo, o par tirania-obediência”. O resultado é um exemplo claro da articulação entre vida e pensamento, muito próprio ao filósofo de Naumburg.

O tema do *Übermensch*, um dos mais clássicos na recepção da filosofia de Nietzsche, é retomado por Ildenilson Meireles, no quarto artigo,

a partir da ideia de que nele está implícita a promessa de uma nova moral, o que se evidencia pela análise comparativa entre *Para a genealogia da moral* e *Assim falou Zaratustra*. Segundo o autor, a primeira obra delinea o tom afirmativo que a temática alcançará a partir de 1888, por articulá-la com a vontade de poder e a ideia de redenção do homem.

Yannick Souladié, no quinto artigo desta edição, apresenta um estudo que pretende clarificar a posição de Nietzsche quanto à emergência do cristianismo e o ideal de homem representado pelo Cristo. No desenvolvimento da sua argumentação fica evidente ao leitor a importância da obra *O anticristo* no contexto mais geral da obra de Nietzsche e, mais ainda, como essa obra contribui para o entendimento das críticas lançadas pelo filósofo contra o cristianismo, na perspectiva da *inversão de todos os valores*.

Allan Davy Santos Sena de certa forma dá continuidade ao debate iniciado no artigo anterior ao analisar a correspondência final entre Nietzsche e sua amiga Malwida von Meysenbug no que tange à figura do Cristo. A proposta do autor é distinguir o aspecto positivo da interpretação que Nietzsche faz de Jesus de uma espécie de devoção por parte do filósofo. O artigo serve de introdução à tradução realizada por Allan dessa correspondência, de tal forma que os editores ficaram na dúvida quanto ao fato de inserirem o texto na rubrica de artigo ou de tradução. Se optaram pela primeira hipótese, é porque o texto guarda uma densidade argumentativa que se sobrepõe à tarefa de tradução – também ela realizada com o devido esmero, obviamente.

Para encerrar este número, trazemos resenhas de algumas obras sobre o pensamento de Nietzsche recentemente publicadas no Brasil: Wilton Borges dos Santos apresenta o *As ilusões do eu, Spinoza e Nietzsche*, organizado por André Martins, Homero Santiago e Luís Cesar Oliva, um produto do II Congresso Internacional Nietzsche & Spinoza, realizado na Universidade de São Paulo em 2009; e Fernando de Sá Moreira apresenta a obra já clássica de Wolfgang Müller-Lauter, recentemente traduzida para o português por Clademir Araldi, *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*.

Que o texto e a sedução produzida por ele crie novos vínculos interpretativos e confirme a convivialidade intelectual que vem sendo favorecida pela *Estudos Nietzsche*.

Boa leitura!

Os editores